

Parcialidade jornalística na cobertura do conflito político-militar em Moçambique: Análise dos Semanários "Savana" e "Domingo"

Clévia Ramiro Guivala¹

Resumo:

Neste estudo usa-se uma metodologia mista, qualitativo e quantitativo, para analisa-se a parcialidade jornalística na cobertura do conflito político-militar em Moçambique, nos semanários Savana e Domingo. Para o efeito, selecionou-se uma amostra de 39 artigos (23 artigos do jornal Savana e 16 artigos do jornal Domingo), publicados no período de 21 de Outubro de 2013 até 05 de Setembro de 2014. Recorre-se as variáveis da parcialidade jornalística, para compreender como se manifesta e quais as razões da parcialidade jornalística nos jornais em causa. Os resultados da análise dos jornais Domingo e Savana, são demonstrados em função das categorias das possíveis manifestações da parcialidade do conteúdo noticioso, que são confrontados com a análise dos pontos de vista dos jornalistas que se destacaram na cobertura do conflito nos semanários e conforme as teorias apresentadas.

Palavras-chave: Jornalismo, Cobertura de Conflito político-militar, Imparcialidade

¹Clévia Ramiro Guivala, Jornalista formada pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane. De 2018 até ao momento colabora na Soico Televisão (STV) como Productora de conteúdo informativo para os programas Telediário e Opinião Pública. Em 2017 e 2016 trabalhou como Jornalista e Repórter na ECO-TV e Televisão Independente de Moçambique. 2015 colaborou como jornalista no Instituto de Comunicação Social- ICS.

Parcialidade jornalística na cobertura do conflito político-militar em Moçambique: Análise dos Semanários "Savana" e "Domingo"

Clévia Ramiro Guivala¹

Abstract:

In this study we use a mixed methodology, qualitative and quantitative, to analyze the journalistic partiality in the coverage of the political-military conflict in Mozambique, in the weekly Savana and Domingo. For this purpose, we selected a sample of 39 articles (23 articles from the Savana newspaper and 16 articles from the newspaper Domingo), published in the period from 21 October 2013 to 05 September 2014. The variables of the journalistic partiality are needed to understand how it manifests itself and what the reasons for journalism partiality in the newspapers concerned. The results of the analysis of partiality in the newspapers Domingo and Savana, are shown according to the categories of possible manifestations of the partiality of the news content, which are confronted with the analysis of the views of journalists who are Highlighted in the coverage of the conflict in the weekly analyzed and according to the theories presented.

Keywords: Journalism, Political-military conflict coverage, Impartiality

Introdução

A presente pesquisa constitui uma tentativa de compreender como se manifesta e quais as razões da parcialidade jornalística nos jornais Savana e Domingo durante a cobertura do conflito político-militar em Moçambique. Para o efeito, foram analisados artigos publicados nos dois jornais em estudo e realizadas entrevistas semi-estruturadas aos repórteres que se destacaram na cobertura do conflito.

Nesta pesquisa, faz-se uma contextualização teórica sobre as temáticas e conceitos ligados ao tema de estudo e usa-se como principal referência interpretativa a teoria de Gatekeeper e a Construcionista, que ajudam na compressão dos factores determinantes e elementos que interferem no processo da produção das notícias. Para análise dos artigos, recorre-se à combinação dos métodos qualitativo e quantitativo, com recurso frequente à abordagem comparativa. A análise qualitativa dos artigos permitiu-nos interpretar as diferentes formas de manifestação da parcialidade na cobertura do conflito em causa e, por meio da abordagem quantitativa, são apresentados e comparados os conteúdos, em função das variáveis da parcialidade previamente identificadas.

O debate sobre imparcialidade e parcialidade no jornalismo

Para analisar a parcialidade jornalística na cobertura do conflito político-militar em Moçambique, propomos-nos, antes, a abordar as diferentes perspectivas sobre a parcialidade no jornalismo. O ideal é que os média sejam imparciais, o que significa que devem reflectir, com exactidão, o mundo real, de uma maneira justa e equilibrada, de acordo com Traquina (1999, p. 105). Para apresentar as notícias, sem reflectir qualquer tendência pessoal ou colectiva, Tuchman (1971, p. 76) sugere a objectividade como sendo um ritual do jornalista, visto que os factos são observados de forma distanciada, com a missão de retratar a realidade como ela se apresenta. A abordagem do jornalismo objectivo ou imparcial também é sustentada por Filho (1978, p. 30), que traz a premissa de que, no relato do acontecimento, deve haver uma interpretação dos factos de forma objectiva para guiar os leitores e não deve haver parcialidade, que seria a intrusão da opinião subjectiva do repórter, ou da organização jornalística no relato factual. Entretanto, o mesmo autor avança que interpretar objectivamente os factos é difícil, pois o julgamento explícito do jornalista vai inevitavelmente embutido na própria forma de apreensão, hierarquização e selecção dos factos e na sua difusão (FILHO, 1978:33).

Nesta perspectiva, MacLean (1981, p. 56) sugere que, quando um artigo não faz a distinção clara entre as interpretações do seu autor e os factos relatados, estamos perante uma notícia parcial ou tendenciosa. Para McQuail (1997, p.107), a cobertura jornalística é parcial porque, no relato do acontecimento, há subjectividade do repórter, desequilíbrio no tratamento da informação, dá-se ênfase a um lado ou outro numa reportagem supostamente imparcial, levando

à distorção tendenciosa e partidária da realidade. A distorção da realidade é vista por Wolf (1987, p. 182-183) como resultado do processo de produção, selecção e dos constrangimentos organizacionais que deixam na notícia suas marcas, pois só seria notícia o que fosse perspectivado como notícia no seio da cultura profissional dos jornalistas e do meio social envolvente. As ideias descritas por estes autores sobre a imparcialidade e parcialidade fazem-nos perceber que a parcialidade leva a um tratamento desequilibrado ou injusto dos indivíduos ou assuntos, facto que impossibilita o jornalista de ser completamente imparcial. No relato que se pretende factual, há intrusão da opinião subjectiva do repórter ou da organização jornalística, contrariando, deste modo, o ideal do jornalismo, que seria a imparcialidade. Porém, ententemos que, apesar de o jornalista não conseguir relatar os factos de forma objectiva, existem normativas e estratégias que pode seguir para ter uma notícia equilibrada, reduzindo, deste modo, a parcialidade.

Como ponto de partida para compreender como se manifesta a parcialidade jornalística nos jornais Savana e Domingo, foram analisados artigos publicados no período de 21 de Outubro de 2013 até 05 de Setembro de 2014. O Jornal Savana publicou 49 edições, das quais seleccionamos 23 artigos, e o Jornal Domingo publicou 42, das quais seleccionamos 16 artigos, totalizando 39 artigos, todos referentes à cobertura do conflito político-militar. Partindo do pressuposto de que a parcialidade manifesta-se de várias formas, para a análise da parcialidade, neste trabalho, baseamo-nos nas variáveis apresentadas por McQuail (1977, p. 107), citado por (Traquina, 1999: 104), a saber:

O equilíbrio ou a uniformidade da cobertura noticiosa; as tendências das afirmações ou artigos relativos a cada uma das partes envolvidas no conflito (se são favoráveis, negativas, neutras ou mistas); o espaço noticioso concedido a cada uma das partes (a extensão do texto); a argumentação explícita e a compilação de provas a favor de um ponto de vista; a utilização tendenciosa de factos e comentários que comprovam o favoritismo; o uso de linguagem que dá outra cor ao relato de modo factual e transmitindo um implícito mas claro juízo de valor; e a omissão de argumentos a favor de uma parte numa reportagem supostamente imparcial.

O Equilíbrio ou a uniformidade da cobertura noticiosa refere-se ao fornecimento de oportunidades razoáveis para a discussão de pontos de vista divergentes em assuntos controversos de importância pública, permitindo respostas a ataques pessoais que ocorrem durante discussões. Em situações de conflito, Christofolletti (2010, p. 58) sugere que a versão de quem acusa deve ser apresentada primeiro, seguida da versão do acusado, de modo a não favorecer-se uma das partes em detrimento da outra. Ao se analisar as tendências das afirmações das fontes de informação ou artigos relativos a cada uma das partes envolvidas no conflito, buscase perceber os pontos de vista, que podem ser favoráveis, negativos, neutros ou mistos em relação a uma parte da história, facto que influencia na tendência do artigo relativamente a cada uma das partes. Considerando que as notícias são produzidas a partir de regras e conceitos

destinados a dar sentido ao acontecimento, ao analisar a Utilização tendenciosa de factos e comentários que comprovam o favoritismo, observa-se o enquadramento que os jornalistas dão ao discurso de uma fonte no conteúdo publicado. O uso de linguagem que dá outra cor ao relato e transmite um implícito do jornalista constitui uma outra variável a considerar na análise da parcialidade, pois, para Sousa (2001, p. 201), a linguagem, termos e verbos usados pelos jornalistas durante a cobertura podem reflectir, por si sós, empatias, aproximação ou tendências do jornalista a um ou outro grupo ou partido, bem como promover diferentes formas de olhar o mesmo evento. Relativamente ao espaço noticioso concedido a cada uma das partes, segundo Traquina (1999, p. 112), busca-se compreender o interesse que um jornal atribui a uma fonte, acontecimento ou evento específico, na medida em que, quando um jornal apoia um partido político, este tende a ter mais espaço noticioso do que o outro e, para o partido que não é privilegiado, a extensão do artigo no jornal é menor e, muitas vezes, o artigo é colocado em último plano ou excluído completamente. Por último, temos a variável argumentação explícita e a compilação de provas a favor de um ponto de vista, que nos ajudou a detectar a utilização tendenciosa de factos e comentários que comprovam o favoritismo do jornalista, visto que durante o relato dos factos o jornalista ou o jornal podem fazer as suas afirmações, adulterar ou omitir argumentos a favor de uma parte numa reportagem.

Como a teoria do Gatekeeper e a teoria Construcionista abordam o processo de produção das notícias parciais

A selecção de assuntos a noticiar não depende unicamente de escolhas subjectivas do jornalista. Existem várias teorias que descrevem os diversos factores que influenciam a produção das notícias e determinantes para a construção da realidade. A teoria do Gatekeeper e a Construcionista que, de seguida, apresentamos, estudam fundamentalmente, os elementos e factores determinantes na produção das notícias. Na teoria Construcionista, Sousa (2006, p. 237) vê a notícia como histórias que resultam de um processo de construção linguística, organizacional e socio-cultural, pelo que não pode ser vista como o espelho da realidade, considerando que há artefactos discursivos que fazem parte da realidade e que ajudam a construir e reconstruir a notícia de forma parcial. A teoria construcionista demonstra, igualmente, que os jornalistas não são simples observadores passivos, mas participantes activos no processo de construção da realidade. Nesta perspectiva, existe a distorção da realidade durante o processo de construção da notícia, que, segundo Tuchman (1978), citado por (Sousa, 2006: 229), é causada pelo gatekeeping, os constrangimentos organizacionais, os valores-notícia, as relações entre fontes e jornalistas, a influência das ideologias e da cultura no processo de produção de informação. A reflexão trazida por Tuchman (1978) remete-nos à teoria do Gatekeeper, a qual defende que as notícias resultam da selecção de acontecimentos, com base nas opções particulares de cada jornalista selector, o que significa que o processo de produção das notícias é concebido como uma

série de escolhas, onde um fluxo de notícias tem de passar por diversos “portões”, os gates, que são momentos de decisão em relação aos quais o gatekeeper, que pode ser o próprio jornalista ou o editor, tem de decidir se vai escolher determinada notícia, se irá passar ou não (Traquina, 2001:69). De acordo com White (1950), citado por (Sousa, 2006: 250-251), os repórteres e editores, assim como factores ambientais, ecossistemáticos, como os deadlines, o espaço ou tempo disponível para as notícias, as políticas organizacionais, entre outros desempenham um papel importante na selecção dos acontecimentos e configuração das notícias. De um modo geral, tanto a teoria construcionista como a do gatekeeper mostram que há constrangimentos que influenciam o jornalista durante o processo de produção, selecção e transformação de um acontecimento em notícia e possibilitam a parcialidade na cobertura jornalística.

Parcialidade na cobertura jornalística em tempos de guerra

Em tempo de guerra, existem alguns pressupostos que podem estar associados ou influenciar na parcialidade noticiosa. Nesta pesquisa, levantam-se, de forma dedutiva, três hipóteses: (i) a parcialidade jornalística está associada ao partidarismo, facto que leva à falta de equilíbrio e à distorção tendenciosa do conteúdo noticioso; (ii) a pressão do tempo e a competição levam os jornalistas à parcialidade, porque necessitam de publicar rapidamente e nem sempre reúnem os dados desejados para uma informação equilibrada; (iii) as fontes de informação contribuem para a parcialidade do jornalista na medida em que elas tentam divulgar o que lhes interessa, com vista a dar aos acontecimentos um determinado significado. Para a compreensão destes pressupostos, apresentamos, mais adiante, alguns aspectos cruciais defendidos tanto por estudiosos, como evocados pelos reporteres que fizeram a cobertura do conflito em análise. Analisando a forma como a parcialidade pode ser exercida em contexto de guerra, Hofstetter (1976, p. 15) defende que as opções do jornalista são os principais obstáculos que se põem à informação objectiva. De acordo com Traquina (1999, p. 105), a forma mais importante de parcialidade política ou ideológica nos média é o favoritismo ou preferências, propositado ou não, em relação a um candidato, partido, posição política ou grupo de interesse, em detrimento de um outro, onde a notícia funciona como ideologia. Sobre estes argumentos, o repórter André Cauteira, do Jornal Savana, explica que, "geralmente, as políticas editoriais e as pressões dos políticos e das próprias redacções são os únicos motivos que levam o jornalista a fazer uma cobertura parcial, sobretudo em assuntos ligados ao conflito, onde existem interesses políticos. "Entretanto, o repórter do jornal Domingo Aminosse Mosés salienta que, " durante a recolha dos dados, o jornalista deve observar a linha editorial do seu órgão por causa da censura, já que alguns órgãos de comunicação, pela sua natureza, visam promover a imagem do próprio Estado". Considerando os aspectos acima mencionados, percebe-se que os média, através das notícias distorcidas, podem

ser usados como um veículo de projecção de visões dos interesses políticos e de certos agentes sociais.

A fonte de informação, como a entidade detentora de dados que sejam susceptíveis de gerar uma notícia, é um elemento que conduz ao tratamento da informação de forma parcial, pois, segundo Gradim (2000, p. 107), quando o jornalista procura as fontes, geralmente, tem interesses e motivações, e porque nenhuma fonte é desinteressada, as fontes falam os seus pontos de vista e podem ser motivadas pelas mais diversas motivações: políticas, pessoais, auto-promoção. Nesta mesma perspectiva, Eugénio Arão, Jornalista do Jornal Savana, refere que, mesmo com o cruzamento de informação, em tempos de guerra, não é fácil ser objectivo, visto que "as informações são apuradas em momentos de tensão e, muitas vezes, no momento de conflito há sempre interesses das duas partes e o jornalista pode ser camuflado ou vítima de manipulação deste ou daquele grupo". Compartilhando da mesma ideia, o repórter André Cauteira, do jornal Savana, diz que "em tempos de guerra havia situações em que as fontes sabiam que o jornalista está a deslocar-se a um determinado local e para aquele local eram enviadas pessoas a fim de contarem histórias fictícias ou já preparadas para deturpar a informação".

O tempo de produção das notícias é importante para o jornalista. Porém, Traquina (1999, p.136) refere que, em situações de guerra, os média tentam impor ordem no espaço e no tempo do trabalho jornalístico; a pressão exercida sobre os repórteres no terreno é constante, facto que os obriga a encontrar, com a maior rapidez possível, acontecimentos passíveis de suscitar interesse. Deste modo, o repórter do Jornal Savana Eugénio Arão defende que as limitações no tempo contribuem para a produção de matérias parciais, na medida em que:

" Mesmo com a informação disponível, o repórter deve duvidar dos dados que tem, sendo que, o jornalista, ao deslocar-se para o terreno, em momentos guerra, deve buscar, de forma sistemática, a informação. Em uma hora de tempo, fazer entrevista, pesquisa, questionar a veracidade da informação é extremamente difícil".

Os argumentos apresentados por estes jornalistas conduzem-nos à ideia defendida por Sousa (2006 p. 256-257), de que a pressão do tempo e a competitividade levam os jornalistas a relatar notícias em situações de incerteza, quer porque nem sempre reúnem os dados desejados, devido aos procedimentos por eles adoptados; quer porque necessitam de seleccionar e difundir os acontecimentos o mais rapidamente possível para ganharem audiência, o que torna difícil qualquer reflexão sobre os acontecimentos e impede o aprofundamento dos mesmos, arriscando-se, deste modo, a publicar notícias tendenciosas ou de "meias-verdades", que, muitas vezes, não reflectem a realidade, podendo prejudicar, agravar, ou criar tensões entre as forças envolvidas no conflito. Contudo, percebe-se que, na prática jornalística, principalmente em casos de conflito,

torna-se difícil relatar os factos de forma objectiva porque, como veremos mais adiante, mesmo de forma inconsciente, os jornalistas acabam por ter uma intervenção maior no texto, devido a vários factores.

A parcialidade nas notícias sobre o conflito político-militar em Moçambique

Esta pesquisa partiu da premissa de que "o jornalismo é uma forma de comunicação em sociedade. A principal função do jornalismo, nos estados democráticos de direito, é a de manter um sistema de vigilância e de controlo dos poderes. Esta vigilância exerce-se através da difusão pública de informação." (Sousa,2001:13). Diante destas responsabilidades, os jornais Savana e Domingo cumpriram a função de informar à sociedade sobre o decurso do conflito político-militar no país. Porém, verifica-se que estes jornais foram tendenciosos nas suas abordagens em torno da matéria, tal como se pode ver nos títulos que se seguem:

"Forças especiais destroçam bases militares da RENAMO" (Jornal Domingo, 27/10/13). O jornalista usa uma linguagem subjectiva ao escolher o termo "Forças especiais" para designar as "Forças de Defesa e Segurança". O mesmo pode dizer-se da selecção da forma verbal "destroçam", no lugar de outras mais objectivas, como por exemplo, "assaltam" ou "conquistam".

Por sua vez, veja-se o artigo com o título "Exército exhibe musculatura na Gorongosa: A paz ainda mais podre" (jornal Savana, 25/10/ 2013):

... em Maputo, uma delegação governamental teatralizava a ausência da Renamo a uma mesa negociadora que até agora nada rendeu, à mesma hora, um contingente militar do mesmo governo, armado até aos dentes, protagonizava o assalto à base de Satunjira, onde ironicamente também não encontrou nada... CAUTEIRA, André (2013) "Exército exhibe musculatura na Gorongosa: A paz ainda mais podre". Publicado pelo Jornal Savana, 25 de Novembro, pp. 2-5.

Durante o relato do acontecimento, o repórter influenciou o processo de construção da realidade, com o uso de linguagem, expressões, verbos, argumentos e comentários que transmitem, de certa forma, o seu juízo de valor e suas preferências. Deste modo, os meios de comunicação social, através dos seus conteúdos, definem, para a maioria da população, quais os acontecimentos significativos que ocorrem, ao limitarem os leitores a um posicionamento sobre o assunto com a narração subjectiva e desequilibrada do acontecimento, apesar de, em Moçambique, existir a Lei de Imprensa, que regula a actividade jornalística. Esta Lei prevê, no segundo ponto do artigo 11º, nas alíneas a), b), c):

- a) Promover o acesso dos cidadãos à informação em todo o país;
- b) Garantir uma cobertura noticiosa imparcial, objectiva e equilibrada;
- c) Reflectir a diversidade de ideias e correntes de opinião de modo equilibrado.

O artigo 31º da Lei de Imprensa também faz menção à imparcialidade dos jornalistas durante o seu trabalho, referindo que "Os jornalistas exercem a sua actividade profissional no sector público independentemente das suas opiniões ou filiações sindicais ou políticas..." e, segundo Traquina (2001, p. 65), o princípio básico do jornalista seria a separação entre os factos e as opiniões, de modo a evitar a subjectividade ou parcialidade.

Análise dos artigos seleccionados em função das categorias

Equilíbrio ou uniformidade da cobertura noticiosa – Nesta categoria, verifica-se que os jornais Savana e Domingo, em alguns artigos, apresentavam os factos de maneira equilibrada, respeitando as condições da pluralidade de informações, visto que levavam ao leitor os vários pontos de vista sobre o assunto reportado, ao oferecerem espaço e oportunidades para que o Governo e a RENAMO apresentassem a sua posição ou respostas às acusações feitas pelas partes durante a cobertura noticiosa, sendo que cada parte procurava responsabilizar a outra. A situação aqui descrita é demonstrada pelos excertos que se seguem:

" O porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República em Sofala, Daniel Macuácuca, garantiu que as Forças de Defesa e Segurança (FDS) vão continuar com as acções de defesa... entretanto, o porta-voz do partido FRELIMO, Damião José, apelou à RENAMO para deixar de ameaçar e atacar as populações e abraçar o projecto da consolidação da paz e da democracia no país...enquanto isso, o porta-voz do presidente da RENAMO, António Muchanga, acusou as FDS de estarem a ganhar posições avançadas no perímetro de Gorongosa com o intuito de desencadear uma série de ataques militares..." DOMINGO (2014) " Renamo volta a atacar em Ripembe", 04 de Maio, p. 3.

Apesar de o trecho acima apresentar argumentos divergentes em relação ao assunto, ou seja, mostrar o contraditório, em outros artigos, estes órgãos publicavam os factos de forma desequilibrada, limitando-se a contar apenas uma versão da história durante a cobertura do conflito político-militar. Para explicar as causas do desequilíbrio em algumas matérias, os jornalistas entrevistados avançam várias dificuldades, como:

« Não temos capacidade de confrontar as fontes de informação e quando vamos ao terreno, geralmente, vamos já prontos a favorecermos a parte A ou a parte B. As empresas jornalísticas têm dificuldade de alto nível de sustentabilidade, tanto nos órgãos de comunicação social públicos assim como privados, o que coloca os órgãos num cenário de vulnerabilidade e sujeitos à parcialidade, pois temos questões de sobrevivência estomacal e pode surgir uma parte interessada que disponibiliza meios para o repórter fazer a cobertura, garantir alojamento, nestas situações há limitações no relato da informação produzida", declara o repórter do jornal Savana Eugénio Arão durante a entrevista.

A estes argumentos, acrescenta-se a dificuldade que as fontes criam para dar informação, tal como explica o repórter Domingos Nhaúle, do Jornal Domingo:

"Dependendo da confiança que as fontes de um determinado partido têm com os órgãos, estes podem, por vezes, falar abertamente porque creem que o jornalista daquele órgão irá descrever fielmente o que lhe foi dito pela fonte, sem limitar suas palavras. Em contrapartida, a outra fonte que não confiar ou não se identificar com aquele órgão não dá informação, porque entende que o jornalista irá deturpar a informação, e isso leva o jornalista a publicar a história com a versão de uma fonte".

Deste modo, no jornal Savana, foram identificadas 16 notícias em que o jornalista reportou o assunto de forma equilibrada e 07 em que os assuntos são tratados de forma desequilibrada e, no jornal Domingo, 11 artigos apresentam-se de forma equilibrada, e em 05, os factos são tratados de forma desequilibrada.

Extensão do texto concedida a cada uma das partes – Durante a cobertura do conflito político-militar, cada jornal privilegiou uma das partes envolvidas no conflito em prejuízo da outra. Verifica-se que o Jornal Savana concedeu maior espaço noticioso ao partido RENAMO em 09 artigos, ao contrário do Jornal Domingo em que o partido FRELIMO teve maior espaço para expor as suas ideias, em 08 matérias.

Considerando os dados acima apresentados, pode-se avançar que, durante a cobertura do conflito político-militar, o Jornal Savana deu mais privilégio no espaço noticioso à RENAMO e menos espaço ao Governo. Por exemplo, na edição do dia 25/10/2013, do jornal Savana, o artigo Exército exhibe musculatura na Gorongosa: A paz ainda mais podre, composto por duas páginas e 22 parágrafos, nota-se que os discursos das fontes pertencente à RENAMO são mais extensos, chegando a ocupar 11 parágrafos e os discursos das fontes da FRELIMO ocupam apenas 05 parágrafos, ou seja tem uma extensão menor.

Ao contrário do que acontece no Jornal Savana, no jornal Domingo, o partido FRELIMO teve parágrafos mais extensos em 08 matérias, sendo que este partido teve mais destaque no espaço para expor as suas ideias em torno de um determinado assunto em relação à RENAMO, que teve menos espaço noticioso. Como exemplo, temos a edição do dia 08/06/2014, na qual o jornal Domingo publicou o artigo "a Renamo está a fazer papel de vítima", onde se verifica que, num texto de 12 parágrafos, em mais da metade do texto apresentam-se discursos do Ministro da Defesa, que favorece a FRELIMO, sendo que o porta-voz da RENAMO, que ocupou menor extensão do texto, teve a oportunidade de expressar a sua opinião apenas nos dois últimos parágrafos.

Sobre a variação da extensão do espaço noticioso que as fontes de um determinado partido ocupam nos artigos dos jornais em causa, apuram-se, dos repórteres entrevistados, múltiplas ideias. O jornalista Domingos Nhaúle, do Jornal Domingo, avança:

" O desequilíbrio do espaço noticioso tem a ver com as tendências do jornalista, pois este profissional também é um cidadão que tem as suas preferências políticas, que irão determinar ou influenciar na forma como ele fará o relato dos factos, sendo que, no terreno, o repórter vê os factos em função daquilo que ele acha que deve retratar ao público. Nesta situação, ele pode achar que o partido X merece mais destaque por ser o partido com o qual ele se identifica e o partido Y merece menos destaque. Por vezes, mesmo quando se quer dar espaço equilibrado, algumas fontes têm a capacidade de desenvolver-se mais ao falar e outras não, sendo que as pessoas que não falam muito acabam tendo menos espaço noticioso e as fontes que mais falam têm mais espaço no texto. Mas há órgãos com uma parcialidade, que, por não se identificarem com uma determinada parte, dão mais espaço a uma outra parte durante o relato de acontecimentos."

O repórter Eugénio Arão, do Jornal Savana, sugere que "o desequilíbrio no espaço noticioso resulta dos vários interesses que existem no mercado de comunicação social ou empresas jornalísticas, que podem partir do próprio jornalista, órgão ou de uma coação de uma força superficial". Portanto, tudo que se pode dizer sobre a tendência de os repórteres privilegiarem um partido político ao concederem mais espaço noticioso em detrimento do outro é influenciado pela capacidade de argumentação das fontes, preferências do jornalista, bem como parcialidade do próprio órgão e os vários interesses que existem no mercado de comunicação social.

Tendências das afirmações ou artigos relativos a cada partido – Em relação a esta variável, constata-se que o partido RENAMO é favorecido pelo Jornal Savana em 10 matérias e pelo Jornal Domingo em apenas 02. Por outro lado, temos o partido FRELIMO que também teve 10 artigos publicados no Jornal Savana a seu favor, e 09 artigos no jornal Domingo.

Em alguns artigos destes órgãos, nota-se que as fontes apresentam afirmações com uma tendência negativa para os dois partidos. No Jornal Savana, identificou-se 10 artigos com tendência negativa para a RENAMO, enquanto, no Jornal Domingo, foram identificados 08 artigos que desfavorecem este mesmo partido. Por seu turno, observou-se que, o Jornal Savana também apresenta 10 artigos com uma tendência negativa para a FRELIMO, diferente do jornal Domingo que apenas apresenta 03 artigos. Para ilustrar como os artigos dos Jornais Savana e Domingo tendem a ser favoráveis ou negativos para a RENAMO e a FRELIMO, passamos a apresentar alguns trechos:

Na edição do dia 10/01/2014, o Jornal Savana publicou uma reportagem designada "MDN

acusar Renamo de apostar no terror". Neste título, o Ministério da Defesa Nacional mostra-se o interessado em culpar a RENAMO pelos ataques e instabilidade no país.

Na reportagem como o título "Acção governamental contra Renamo evolui para novo capítulo", publicado no dia 08/11/2013, pelo Jornal Domingo, mostra-nos que o enquadramento dado às forças governamentais durante a cobertura é de protagonistas dos ataques, sendo que a RENAMO é tratada como vítima dos ataques, como pode se ver no seguinte trecho: "... A caça à "perdiz" em Sofala também chegou à residência de Afonso Dhlakama na Beira, uma vez que foi igualmente "tomada" por cerca de 150 elementos da FIR, que ainda permanecem na habitação..."

Ainda nesta peça de reportagem, constatou-se que não é apenas o enquadramento noticioso que demonstra favorecimento à RENAMO ao culpar a FRELIMO, os argumentos das fontes também demonstram o mesmo interesse, tal como mostra o argumento: "... Membros da Força de Intervenção Rápida, a polícia anti-motim, saltaram de uma viatura Mahindra. Alguns, com tiros ao ar, entraram nas instalações da sede da Renamo, arrombaram as portas e detiveram os sete membros do partido ali presentes..." Relativamente aos artigos que tendem a ser mistos e neutros, verificou-se que, no Jornal Domingo, 03 artigos foram neutros e 2 mistos. No Jornal SAVANA, nenhum artigo tende a ser neutro e 03 artigos tendem a ser mistos, ou seja, apresentam o discurso das partes envolvidas no conflito de forma equilibrada. Em torno da relação existente entre os argumentos das fontes e as tendências dos artigos publicados para cada partido durante a cobertura do conflito, o repórter Eugénio Arão, do Jornal Savana, refere que as fontes de informação podem influenciar na tendência do artigo, porque dentro de um conflito existe uma luta de interesses entre as partes envolvidas e isso se reflecte no texto, quando a fonte presta depoimentos a favor do partido ao qual interessa defender.

Também o repórter Domingos Nhaúle, do Jornal Domingo, ressalta que a pluralidade de ideias pode influenciar no tratamento do conteúdo, na medida em que o repórter deve partir dos depoimentos das fontes que mais apresentaram os aspectos comuns e dar a inclinação ao artigo, o que acaba por determinar a tendência do artigo. Portanto, a partir dos dados acima apresentados, nota-se que a fonte de informação, pela sua capacidade retórica e pelo privilégio de possuir informação, tem a oportunidade de manobrar o discurso a seu favor devido às limitações do jornalista em aceder à informação.

Utilização tendenciosa de factos ou comentários que transmitem o favoritismo e argumentação explícita de pontos de vista do jornalista – Nesta variável, constata-se que o Jornal Savana apresenta 10 artigos em que os repórteres, de forma explícita, apresentam os seus pontos de vista em torno do assunto reportado e, no Jornal Domingo, foram identificados apenas 06 artigos. Neste sentido, os jornalistas do Savana, várias vezes, relatavam com subjectividade e superficialidade o conteúdo, conforme mostra a matéria com o título: "Homóine: novo palco de

confrontos", onde a maior parte do texto é elaborada com base na especulação de informação pelo próprio jornalista ou com base em fontes anónimas:

"... o SAVANA viu ambulâncias a movimentarem-se entre a sede do distrito de Homóine e Pembe, cenário que dá crédito a informações de estarem a registar-se baixas nas escaramuças entre as Forças de Defesa e Segurança e a Renamo...dados recolhidos na zona indicam que a Renamo concentrou em Catine mais de cinco dezenas de homens armados, mas em Fanha- fanha são mais do que isso, refere uma fonte, em breves declarações ao SAVANA..." ARÃO, Eugénio (2014), "Homóine: novo palco de confrontos", jornal Savana, 10 de Janeiro, p. 4.

No que diz respeito ao uso tendencioso de factos e comentários que comprovam o favoritismo do jornalista nas matérias publicadas por estes dois jornais, constatou-se que, em 08 matérias publicadas pelo Jornal Domingo, os repórteres demonstram as suas preferências em relação a um partido, enquanto os jornalistas do Jornal Savana apresentam as suas preferências em apenas 07 peças. Desta forma, no Jornal Domingo, os repórteres transparecem a sua simpatia partidária ou convicções ideológicas em relação a uma formação política, dando ênfase aos comentários das fontes que tendem a desfavorecer a outra parte, como se pode ver nos títulos: "A Renamo está a fazer papel de vítima", "Dhlakama faz de tudo para não haver eleições no país", publicados na edição do dia 08/06/2014; e "As FDS não podem cruzar os braços quando atacadas", publicado na edição do dia 27/10/2013.

De um modo geral, no Jornal Domingo, é mais frequente o uso tendencioso de factos ou comentários que comprovam o favoritismo, dando ênfase aos comentários das fontes que apresentam um discurso com o mesmo interesse dos repórteres. No Jornal Savana, os repórteres apresentam marcas elevadas de subjectividade no relato dos factos, mostrando deste modo a desigualdade no tratamento das partes envolvidas no conflito.

Uso de linguagem que dá cor ao relato e transmite juízos de valor do jornalista – Nesta categoria, o Jornal Savana, quando comparado com o Jornal Domingo, apresenta o maior número de reportagens em que se evidencia o uso de linguagem que dá cor ao relato. Foram identificadas no Jornal Savana 16 matérias que demonstram, de forma clara, o uso de uma linguagem que transmite a subjectividade do repórter, contra 10 artigos publicados pelo Jornal Domingo.

Exemplos de títulos retirados do jornal Savana: "Muxúnguè-Save: chumbo quente de novo", "Exército exhibe musculatura na Gorongosa: A paz ainda mais podre" e " Oito mortos em nova incursão para desalojar Dhlakama"

No título "Muxúnguè-Save: chumbo quente de novo" (Jornal Savana, 06/06/2014), a linguagem usada pelo jornalista transmite a imagem de que o conflito político-militar estava numa fase de

trégua mas volta a ser reactivado de forma mais intensa, pois a expressão "chumbo quente de novo", usada pelo repórter, não é informativa, mas dá cor de conflito mais tenso entre as partes envolvidas. Para além do título, nesta mesma matéria, é possível, ao longo do texto, detectar expressões, verbos, argumentos e comentários que dão cor ao relato; os jornalistas procuram dar uma certa dose de mistério ao título, e "agarrar" o leitor, uma vez que o enigma será resolvido através da leitura da peça.

Portanto, constata-se que a linguagem usada pelos repórteres dos dois órgãos em análise reflecte, por si só, empatias, aproximação que os jornalistas têm em relação a um ou outro partido; promovem, da mesma forma, diferentes formas de olhar o mesmo evento e tendências dos jornalistas, o que, num jornalismo eticamente guiado pela verdade e objectividade, não deveria ser permitido.

Reflexões conclusivas

Analisada a parcialidade jornalística dos jornais Savana e Domingo na cobertura do conflito político-militar, pode-se concluir que os jornalistas destes órgãos foram parciais, pois, durante o relato dos factos, tomam posições em relação a uma das partes envolvidas no conflito, mostrando, desta forma, as suas preferências partidárias. O Jornal Savana prefere o partido RENAMO e o Jornal Domingo favorece a FRELIMO. O partidarismo, nos jornais analisados, manifestou-se através do privilégio e extensão do texto que cada partido ocupava durante a cobertura do conflito político-militar, apresentação de afirmações que favoreciam um partido em detrimento do outro, bem como o ponto de vista dos repórteres, através da utilização de uma linguagem subjectiva e tendenciosa.

Nesta pesquisa, infere-se ainda que a parcialidade nos jornais Savana e Domingo confirma os pressupostos das teorias do Gatekeeper e Construcionalista, visto que, para além de os órgãos de comunicação terem as suas preferências políticas, existem partidos políticos com interesse em veicular as suas ideologias nos órgãos, o que leva os jornalistas a fazerem uma cobertura em um determinado ângulo preferencial do jornal. Assim, percebemos que, apesar de os repórteres dos jornais Savana e Domingo terem avançado que a pressão do tempo e a competitividade levam à parcialidade, não podemos assumir, na sua totalidade, esta hipótese porque constata-se que, mesmo com a possibilidade que os jornalistas destes órgãos tiveram de ouvir as duas partes envolvidas no conflito, os jornalistas tenderam a distorcer o conteúdo noticioso, nalgumas vezes, por pressão da política editorial.

Ainda neste estudo, fica evidente que a hipótese de que as fontes de informação contribuem para a parcialidade do jornalista é verdadeira, porque as limitações que os repórteres têm para

aceder à informação, em primeira mão, principalmente em situação de conflito armado, fazem com que a matéria tenha um enquadramento baseando nos argumentos das fontes mais acessíveis.

De um modo geral, na pesquisa, percebemos que o jornal Savana apresenta mais artigos classificados como parciais na sua cobertura, em relação ao Jornal Domingo. Porém, infere-se que houve equilíbrio durante o tratamento da informação, ao criarem-se oportunidades razoáveis para a discussão de pontos de vista das fontes, permitindo que a FRELIMO e a RENAMO dessem o seu parecer ou respostas às acusações feitas por uma ou outra parte, havendo pluralidade de ideias. Deste modo, na busca de resposta sobre como se manifesta a parcialidade na cobertura do conflito político-militar, perceber-se que, durante a cobertura deste conflito, das 6 categorias da parcialidade, analisadas, os repórteres dos dois órgãos em estudo foram parciais, nas reportagens que produziram, em 05 categorias: o espaço noticioso que os repórteres concediam a cada partido durante a sua cobertura; as tendências das afirmações das fontes de informação ou dos artigos relativos aos dois partidos; os argumentos explícitos de um ponto de vista do jornalista; o uso tendencioso de comentários que comprovam o favoritismo e o uso de linguagem que transmite o juízo de valor do jornalista.

Referências bibliográficas

- CHRISTOFOLETTI, Rogério. (2010). Vitrine e vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo.
- GENRO FILHO, Adelmo. (1987). O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: ED. Tchê!
- GRADIM, Anabela. (2000). Manual de Jornalismo. Universidade da Beira Interior, Covilhã Editores, Portugal.
- HOFSTETTER, C.Richard. (1976). Bias in the News: Network Television Coverage of the 1972 Election Campaign. Columbus: Ohio State University Press.
- JORNAL SAVANA, ARQUIVO (2013-2014)
- JORNAL DOMINGO, ARQUIVO (2013-2014)
- LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. (1999). Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. 2 ed. Porto Alegre: Editora UFMQ. p. 188.
- LEI DE IMPRENSA. Compilação. 1ª ed. Lei 18/91. Maputo. 1991.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. (2003). Fundamentos de Metodologia Científica. 59 Edição, São Paulo Editora Atlas s.a.
- MCQUAIL. Denis. (2003). Teoria da Comunicação de Massas. C de Jesus, C Ponte.
- PRODANOV, Cleber. FREITAS, Ernani. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Brazil.
- SOUSA, Jorge Pedro. (2001). Elementos de jornalismo impresso. Porto. www.bocc.ubi.pt.
- SOUSA, Jorge Pedro. (2006). Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. 2ª edição, Porto.
- TRAQUINA, Nelson. (1999). Jornalismo: Questão, teorias e "Estórias". 2ª ed. Lisboa. Vega Editores.
- TRAQUINA, Nelson. (2001). Estudo do Jornalismo no século XX. São Leopoldo, RS: Unisinos.
- WOLF. Mauro. (1987). Teoria da Comunicação. @ Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Milan, Tradução.

